

Introdução

Desde que a humanidade começou a desenvolver formas culturais de mensurar o tempo, de procurar uma explicação para as suas origens e definir cosmovisões sobre o universo e seu respectivo destino, questões como o *fim da civilização* passaram a fazer parte de sua construção sócio-cultural. Muitas sociedades carregam uma longa história a respeito desta fixação ancestral sobre o “fim”, seja do processo histórico em curso, seja o *fim do mundo* propriamente dito em termos cósmicos. E embora isso não seja uma novidade, o surgimento de certos acontecimentos em determinadas épocas parece fazer revitalizar esta preocupação.

Na sociedade moderna tal concepção tomou formas próprias e mais definidas a partir do século 20 até os dias atuais. Depois da Primeira e Segunda Guerra Mundial, e da “quebra da máquina do progresso”, o livro do Apocalipse, por exemplo, recebeu o *status* de estar longe de ser absurdo, visto como aquele que “retrata profundamente verdadeiras forças que lutavam pelo controle do mundo”¹. E mesmo diante de toda estranha linguagem dos textos apocalípticos, expressões e idéias como “Armagedom”, “guerra cósmica”, “apocalíptico”, “cataclisma universal”, etc, são lugares-comuns que a mente hodierna remete de imediato aos temas gerais que estão em voga: “*impact event*”, “*fallout protection*”, “*Guerra Mundial*”, “*holocausto nuclear*”, “*corrida armamentista*”, “*aquecimento global*” “*Apocalipse maia de 2012*”, etc. Como resultado ocorre um crescente interesse pelo apocalipsismo precipitado pelo *Zeitgeist* do momento. Contudo, é válido lembrar que o mundo já teve várias datas “marcadas”, diga-se de passagem “frustradas”, para terminar².

¹HANSON, P. D. (Org.). *Visionaries and their apocalypses*. SPCK and Fortress, 1983, p. 8.

² Os estudos de Santo Hilário previram o fim para 365 d.C. São Martin de Tours anunciou para 400 d.C. Na Idade Média iria ocorrer no ano 1000 d.C. Joaquim de Fiore afirmou acontecer em 1205, já o Papa Inocêncio viu para 1284. A devastação da Peste Negra na Europa trouxe a data de 1346. Em 1524 foi previsto um dilúvio universal. Melchior Hoffman disse que a *parousia* iria ocorrer em 1533. A corrente *Staroveri* russa previu para 1669. Willian Whitson para 1736. Margaret McDonald para 1830. O estudo bíblico de Willian Miller predisse que o fim ocorreria entre 1843-1844. Ellen White reinterpretou os estudos e concluiu o fim para 1850. Josef Smith viu para 1891. As testemunhas de Jeová para 1914, e depois da frustração, estipularam mais sete datas. O Nazismo fez surgir uma expectativa do fim no período da segunda guerra mundial. Em 1948 devido à fundação do Estado de Israel. Chuck Smith previu um arrebatamento para 1981. Hal Lindsey previu para 1988. Profecias de Nostradamus apontavam para 1999. Esotéricos para o ano 2000, no *bug* do milênio. Os “apocalípticos” do calendário maia apontam para a data da moda: ano de 2012. Cf. SCHOEREDER, G. *Fim do mundo*. São Paulo: Mythos Editora, 2009, pp. 44-51;

As causas destas expectativas equivocadas é o fato de conceder ou uma leitura ao *pé da letra* ou uma interpretação arbitrária às profecias antigas, a partir de fatos modernos, sem compreender o determinado contexto em que as mesmas foram formuladas, e muitas das vezes, o que não é raro, atribui-se aos textos antigos significados que os mesmos não comportavam e não queriam dizer. Os apocalipsistas da antiguidade não eram “adivinhos”, nem teólogos sistemáticos, mas eram poetas e visionários que “expressavam suas convicções” mediante o imaginário antigo e contemporâneo de seu tempo. O resultado de interpretação de sua própria época trouxe vários pontos de contato desta literatura com os dias atuais. Uma das afinidades estabelecidas com o mundo moderno reside no fato de que a nossa sociedade desliza para o pessimismo cada vez mais profundo quanto ao futuro, devido a incerteza, e isso explica por que se tem voltado para “a literatura de uma época antiga semelhantemente devastada por pessimismo quanto às possibilidades humanas”³.

O crescente interesse pela apocalíptica é bem vindo e tem muito a contribuir com a ciência bíblica, não somente no que diz respeito ao fundo histórico em que a literatura apocalíptica foi produzida, mas também na compreensão da elaboração literária e das noções teológicas desenvolvidas em sua respectiva época, como também na verificação de significados que fazem com que a voz da apocalíptica ainda ressoe nos dias de hoje. A redescoberta do apocalipsismo nos esclarece de que modo determinadas comunidades encontraram nutrimento neste tipo de literatura, que apesar de sua “estranheza”, se tornou fonte inesgotável de força nos momentos de terrível crise, como é o caso do Apocalipse canônico, o último livro do cânon das Sagradas Escrituras, também conhecido como Apocalipse de João, o qual comporta o texto de interesse desta pesquisa.

A respeito deste Apocalipse joanino podemos dizer, por um lado, que é o mais inspirador de todos os escritos do Novo Testamento, e por outro, o mais enigmático e de difícil compreensão. Muitos leitores negligenciam sua leitura devido às dificuldades de compreensão. Esta negligência é lastimável, por que fora dos Evangelhos e Atos, nenhum outro livro se constitui tamanha fonte de fé e força na luta contra o mal. E apesar de toda a sua exuberância, parece ser um livro⁴ menos difícil do que sua história demonstrou. Contudo, as perguntas que surgem a

³RUSSEL, D. S. *Desvelamento divino*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 16.

⁴MCGINN, B. Apocalipse (ou Revelação). In: ALTER, R.; KERMODE, F. (Org.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Editora UNESP, 1997, p. 564.

partir da leitura deste livro devem ser respondidas à luz dos processos históricos que as comunidades estavam vivenciando no período de elaboração do texto. Por isso, o presente estudo tem por objetivo reunir um maior número possível de informações sobre as particularidades culturais, sócio-políticas e religiosas necessárias à compreensão de um determinado texto do Apocalipse, ou seja, envidar um esforço exegético a fim de redescobrir o passado escriturístico do respectivo texto de tal forma que o que foi descrito se torne transparente e compreensível para nós que vivemos outra época e em circunstâncias culturais diferentes. Esta aproximação permitirá perceber a intenção que o texto teve em sua origem e o seu significado literal. Com isso, esperamos levantar subsídios a fim de que os interessados no tema possam fazer um trabalho posterior, como por exemplo, verificar que opções éticas e doutrinárias podem ser respaldadas e, portanto, reafirmadas, ou devem ser revistas e relativizadas⁵, etc.

No âmbito introdutório do próprio livro do Apocalipse nos deparamos com uma série de afirmações que estão pautadas em reminiscências veterotestamentárias, mas que na perspectiva da tradição cristã, as mesmas recebem re-significação em Jesus Cristo, e por este motivo a pessoa de Jesus domina o cenário do começo ao fim do livro. Assim, a partir de uma nova experiência de Deus, mediante o desafio da realidade, o fenômeno literário de re-leitura retomou e re-interpretou palavras e significados do passado, realizando uma produção de atualização de sentido dinâmico e revigorante, cuja re-leitura tem a ver com o próprio processo de crescimento e libertação da comunidade e com sua caminhada através da história, surgindo daí a apropriação de sentido dentro da nova e vigente experiência como processo histórico mais amplo, sem o qual não se pode compreender adequadamente a respectiva re-leitura.⁶

No caso do nosso estudo requer que se leve em consideração a peculiaridade do momento conflitivo-crucial que as comunidades destinatárias do livro se encontravam, percebendo-se como comunidades escatológicas na travessia de um momento crítico da História e sua evocação (por meio de reminiscências bíblicas) da *vinda e chegada* do evento glorioso que qualifica o próprio sentido e finalidade da História. E, ao contrário de determinadas abordagens que tomam o nome do

⁵ WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998, pp. 12-13.

⁶ MESTERS, C. *A Bíblia lê a Bíblia*. In: ANTONIAZZI, A.; GRUEN, W. *Métodos para ler a Bíblia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991, p. 45.

livro por empréstimo para determinar cronologicamente o fim dos tempos, o próprio Apocalipse *não marca data para o fim*, antes o mesmo celebra a *chegada* da plenitude eterna como força motriz para impulsionar a realidade de seus leitores. O trecho que nos dedicamos a examinar é um oráculo que desperta-nos para a veracidade deste argumento, além de ser a primeira citação no livro a respeito desta *vinda*, trata-se de Ap 1,7. Este trecho é uma adaptação de duas reminiscências do passado, Dn 7,13 e Zc 12,10.12. Por conseguinte, existem indícios escriturísticos de que um “*como filho de homem*” em Daniel seja o próprio povo de Deus, perseguido, mas que receberá a supremacia eterna, enquanto que o “*traspassado*” em Zacarias tem uma probabilidade de ser uma personificação heróica com quem Deus se identifica, assim, traspassar o herói seria traspassar o próprio Deus. Partimos da hipótese de que aqui temos as chaves do messianismo adotado por Jesus⁷ na possível ótica do autor do Apocalipse: Deus se identifica com o seu povo e traz uma vigorosa mensagem de esperança através da experiência de Jesus, o *traspassado que foi glorificado*, morto e ressuscitado, *humilhado e exaltado*, como luz de experiência para os desafios a serem aceitos pelas comunidades. Estes pontos fazem surgir o interesse pelo presente estudo.

Contudo, a fim de elucidar tais pontos, surgem-nos as seguintes perguntas: o que o texto possivelmente queria dizer em sua época? Qual é a sua função tanto dentro do contexto literário em que se encontra quanto no ambiente vital dos seus destinatários? Que criação de sentido o mesmo comporta? Através de que formulação este texto produz uma identificação da comunidade com a experiência vital de seu Mestre Senhor? A temática do respectivo texto é capaz de lançar luz sobre o desenvolvimento do livro, ou seja, que verdades estão no conjunto da obra que o texto é capaz de antecipar? De que modo a particularidade deste trecho está comprometida com o propósito do livro como um todo? A partir de que soma de artifícios estéticos o texto expressa sua mensagem aos seus peculiares ouvintes?

⁷ Conforme ressaltado por J. Maier, a figura do rei (*messias*) incorporou as expectativas e esperanças, mas também os sofrimentos, decepções, medos e temores da comunidade eleita. Assim, o *rei ideal* somava em si todas as questões do seu povo. Esta idéia se uniu mais tarde às interpretações sobre o “servo” sofredor do Dêutero-Isaías, origem para a noção estranha de um *messias sofredor*. Na tradição exegética do judaísmo, o “servo de YHWH” do Dêutero-Isaías foi interpretado em sentido coletivo, em cujas passagens se encontram o esquema “*humilhação/exaltação*”; foi só na aplicação dos textos a Jesus que se chegou a uma interpretação individual-cristológica, mas que, na inteligência de tradição cristã mais primitiva, guardava certo componente coletivo a partir do próprio Cristo como o *Filho do Homem*. MAIER, J. *Entre os dois testamentos*. São Paulo: Ed. Loyola, 2005, p. 221-222; CORSINI, E. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 85.

A fim de que fossem obtidas as respostas à estas questões tornou-se imprescindível a adoção dos procedimentos dos métodos histórico-críticos, literário-analítico e teológico-retórico (comunicativo).

Para este fim, o estudo que o leitor tem em mãos traz o supracitado expediente metodológico percorrendo os seguintes passos: O primeiro capítulo apresenta o *status quaestiones* a respeito do Apocalipse, os principais resultados a respeito das abordagens sobre a estrutura, composição, autoria, gênero literário, contexto sócio-histórico e leitura interpretativa do livro. O segundo capítulo tem por preocupação o estudo literário do texto: sua constituição quanto uma *unidade literária*, a crítica textual com vistas de reconstituição mais próxima possível do texto “original”, a análise da tradução para os leitores de fala portuguesa, a análise de sua articulação morfosintática e gênero próprio específico. O terceiro e último capítulo, tem por objetivo explorar o sentido, conteúdo e raízes de significados do texto por meio do procedimento de intertextualidade, ou seja, sua relação com suas respectivas fontes escriturísticas veterotestamentárias, as relações com o Novo Testamento, o vínculo com seu contexto literário imediato e com as outras partes do Apocalipse como um todo.